

**O ESPAÇO SAGRADO**

## THE SACRED SPACE

## EL ESPACIO SAGRADO

**José Arilson Xavier de Souza<sup>1</sup>**

**Resumo:** O presente texto pretende discutir a noção de espaço sagrado – fundamental para os estudos de geografia da religião, e também aproveitada por outros campos do conhecimento. Nesse domínio, geógrafos e outros cientistas, sobretudo sociólogos, são referenciais. As faculdades do sagrado, a qualificação que proporciona ao espaço e a experiência humana com este fenômeno formam o temário apresentado. De caráter singular, o lugar sagrado é ainda visto em sua qualidade incomum. Da interação do homem com o espaço sagrado, reconhece-se a multiplicidade de fontes pelas quais os crentes admitem as *santidades* dos lugares, dando mote ao conhecimento de certa categorização de espaços sagrados.

**Palavras-chave:** Sagrado; Espaço Sagrado; Geografia.

**Abstract:** This text discusses the notion of sacred space – crucial for geography studies of religion, and also utilized by other fields of knowledge. In this domain, geographers and other scientists, especially sociologists are references. The sacred colleges, the qualification that provides the space and the human experience with this phenomenon form the presented theme. With single character, the holy place is still seen in its unusual quality. The interaction between man and the sacred space, recognizes the multiplicity of sources by which believers acknowledge the *sanctities* of the places, giving mote knowledge of certain categorization of sacred spaces.

**Keywords:** Sacred; Sacred Space; Geography.

**Resumen:** El presente texto pretende discutir la noción de espacio sagrado - fundamental para los estudios de geografía de la religión, y también aprovechada por otros campos del conocimiento. En este campo, geógrafos y otros científicos, sobre todo sociólogos, son referenciales. Las facultades de lo sagrado, la calificación que proporciona al espacio y la experiencia humana con este fenómeno forman el temario presentado. De carácter singular, el lugar sagrado es aún visto en su cualidad inusual. De la interacción del hombre con el espacio sagrado, se reconoce la multiplicidad de fuentes por las cuales los creyentes admiten las *santidades* de los lugares, dando lema al conocimiento de cierta categorización de espacios sagrados.

**Palabras clave:** Sagrado; Espacio Sagrado; Geografía.

---

<sup>1</sup> Doutor em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professor na Universidade Estadual do Maranhão. São Luís/MA. E-mail: [arilsonxavier@yahoo.com.br](mailto:arilsonxavier@yahoo.com.br).  
Lattes iD: <http://lattes.cnpq.br/5698096548539496>. Orcid iD: <https://orcid.org/0000-0001-7920-7749>.

## Introdução

Espaço sagrado é fundante dimensão geográfica das práticas religiosas. Entre outros, espaço e sagrado representam núcleos das reflexões realizadas pelo geógrafo da religião (PARK, 2004). São estudos que revelam preocupação com a qualificação desse espaço. Destacam-se temas como atração e simbolismo do espaço sagrado, o sagrado na paisagem e lugar sagrado. Com efeito, para a geografia da religião, espaço sagrado funciona como uma noção orientadora.

Sob a intenção de buscar sinais do caráter do fenômeno em questão, assinalamos que refletiremos brevemente sobre definições e conceitos expressos em obras específicas de geógrafos e de outros cientistas que se detiveram sobre a dimensão espacial do sagrado. Por certo, cumpre salientar, outras importantes obras ficaram de fora da base bibliográfica utilizada. O texto está dividido em duas seções principais: (i) sagrado e espaço; (ii) o sagrado: qualificação simbólica e experiência espacial.

## Sagrado e Espaço

No estudo hoje considerado clássico *Sacred space: Exploration of an Idea*, Yi-Fu Tuan (1979) inicia as suas reflexões indagando o que quer dizer a palavra sagrado e, de imediato, diz da necessidade de irmos além das imagens mentais que nos direcionam a certas formas físicas, como, por exemplo, templos, santuários e pontos do espaço que foram consagrados. Numa perspectiva experiencial, o autor compreende que o sagrado se destaca do que é comum e interrompe a rotina. Contudo, esclarece que nem todo espaço reservado é espaço sagrado; nem toda interrupção da rotina é uma hierofania. Afirma que o significado do sagrado é frequentemente ambíguo e paradoxal, e que é preciso estudar os seus atributos.

Com base em Tuan (1979), vejamos alguns dos principais atributos do sagrado: separação e definição, ordem e totalidade e poder. Em termos espaciais, compreende-se que o sagrado tem sentido restrito, pois pertence aos deuses, ainda que seja consagrado por forças humanas. Como é indicado pela raiz da palavra, o sagrado é algo que precisa ser destacado do restante, daquilo que seria o profano. Por profano se entende aquilo que está antes, fora, distante do templo. Desse modo, destacado, o sagrado é definido. No curso de determinadas religiões, ele se distingue como ponto no espaço de melhor visibilidade. O sagrado impõe ordem e organiza o caos de um espaço de natureza secular e exerce uma aura e estima que transmitem segurança. O termo sagrado conota ainda a ideia do todo, de completude e perfeição. Em

contato com tal energia o homem tende a preencher os *vazios* que assolam a sua vida. O sagrado inspira poder; um poder que vem das divindades, que embora possa anunciar destruição, encoraja e possibilita o recomeço, liberta e amplia as fronteiras. A luz simboliza o sagrado. As pessoas temem e se sentem atraídas por ela. A experiência religiosa exercida por meio do sagrado é capaz de levar os indivíduos a um plano transcendental.

Uma vez interessados em realidades espaciais imbuídas de poder sobrenatural – reportar-se ao espaço sagrado –, os geógrafos devem ter, segundo Eric Dardel (2011, p. 54), no estudo de uma *geografia mítica*, “uma atitude temerosa e respeitosa, uma crença e uma inquietude metafísica”. A própria virtude do espaço sagrado parece requerer do investigador um posicionamento que lhe coloque alheio aos seus preconceitos e verdades pessoais. Há que se ter a ideia de que o espaço sagrado é uma espécie de projeto de materialização da fé que concebe propriedades espirituais. Será frágil qualquer tentativa de interpretação que não tente se aproximar das práticas e comportamentos que ali se desenrolam.

Em *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*<sup>2</sup>, Peter Berger é outro autor que dispensa reflexões relevante acerca das significações do sagrado. Desta obra, atentemos para o seguinte trecho:

Por sagrado entende-se aqui uma qualidade de poder misterioso e temeroso, distinto do homem e, todavia, relacionado com ele, que se acredita residir em certos objetos da experiência. Essa qualidade pode ser atribuída a objetos naturais e artificiais, a animais, ou a homens, ou às objetivações da cultura humana. Há rochedos sagrados, instrumentos sagrados, vacas sagradas. O chefe pode ser sagrado, como o pode ser um costume ou instituição particular. Pode-se atribuir a mesma qualidade ao espaço e ao tempo, como nos lugares e tempos sagrados. A qualidade pode finalmente encarnar-se em seres sagrados, desde os espíritos eminentemente locais às grandes divindades cósmicas [...] O sagrado é apreendido como algo que “salta para fora” das rotinas normais do dia a dia (BERGER, 2013, p. 38-39).

Das palavras de Berger, acrescida à interpretação que já se fez de Tuan (1979), é possível inferir positivamente a pluralidade de expressões e dinâmicas do sagrado. A qualidade do sagrado é entendida como misteriosa, por um lado, por se distinguir da capacidade humana, e, por outro lado, por se relacionar fortemente com os objetos utilizados pelo homem no desenrolar de sua experiência, sejam esses objetos naturais, artificiais ou objetivados. Na

---

<sup>2</sup> A obra foi publicada pela primeira vez no Brasil em 1985.

perspectiva posta, o sagrado pode representar ameaça, contudo, essa força pode ser avaliada com profundo respeito e se transformar numa energia benéfica, dotando a vida de significados, como não o faz outro fenômeno. Na ampliação do entendimento, Berger ainda esclarece que a qualidade de sagrado pode se reportar a costumes, instituições e seres sagrados, bem como ao tempo e ao espaço. E é sobre como o sagrado “salta para fora” das imaginações e toca o espaço, qualificando-o, que reside meu interesse.

### **O sagrado: qualificação simbólica e experiência espacial**

O estudo do sagrado em geografia é possível por conta de sua manifestação no espaço. Associada à noção de sagrado e dos seus atributos, a religião se faz por uma base espacial e enseja múltiplas experiências neste cenário. Assim sendo, muitas são as inquietações.

Questionamentos como os que se seguem orientam o trabalho dos geógrafos da religião: quais forças concorrem para a manifestação do sagrado no espaço? Por que alguns lugares são vistos como sagrados e especiais, e por que nem todo lugar é visto como sagrado? (PARK, 2004). Quem tem autorização para realizar rituais de sacralização do espaço e por quais motivos? Como avaliar a capacidade de dinamização social dos eventos religiosos? Como a consagração dos lugares pode ser adequada aos interesses políticos das forças hegemônicas e institucionais? Quais as interdependências e as relações funcionais entre o espaço sagrado e o espaço profano?

Essa base de questionamentos tende a deixar o geógrafo inquieto no esforço de interpretar os significados do espaço sagrado em suas variadas acepções de crenças e usos. As análises empíricas, em diversas escalas e ordens religiosas, respondem, portanto, por contribuições singulares. Isso quer dizer que as possíveis respostas para as questões lançadas acima não podem ser padronizadas de cultura para cultura, de sociedade para sociedade. Neste intento, um árduo compromisso teórico, inclusive fundamentado por investigações de outros campos de conhecimento examinadores dos fenômenos sagrado e religião, se inscreve como imprescindível.

O simbolismo do sagrado em formas espaciais traduz um dos enfoques temáticos mais contundentes dos estudos supracitados. Em contribuição, a análise de Gil Filho (2008) postula o espaço sagrado como uma *ontologia* necessária à geografia da religião e apresenta o sagrado como uma forma simbólica diversa em suas relações, o que possibilita o seu estudo por meio das representações que lhes são atribuídas. De tal modo, operacionaliza o conceito de espaço

de representação do fenômeno religioso, o que abrange a materialidade e os seus sentidos. O autor indica quatro instâncias de análise para o estudo do sagrado e do fenômeno religioso: paisagem religiosa; sistema simbólico cultural; escrituras e tradições; e sentimento religioso. Privilegia-se, então, o estudo da materialidade fenomênica, a projeção cultural, a construção epistemológica e a experiência do sagrado *per si*.

Ora, as representações das formas simbólicas espaciais religiosas não são facilmente interpretadas. A composição representativa contida nas formas simbólicas que se faz matéria de alcance do geógrafo se justifica quando estas são constituídas de fixos e fluxos. Essas formas podem ser lidas como edificações espaciais que desempenham funções culturais onde estão estabelecidas e que influenciam na imaginação das pessoas, comprometendo as suas ações e vivências em escala também temporal (CORRÊA, 2007).

No estudo sobre o sagrado, forma espacial e simbolismo não podem ser considerados em separado. A manifestação espacial do sagrado não se resume a sua arquitetura e localização, envolve também itinerários simbólicos que fazem com o que sagrado, a sua mensagem, transborde a outros espaços. O espaço sagrado trata-se, a bem da verdade, de um espaço que contém muito mais simbolismo do que aparenta ou um estudo científico pode apurar. Nem mesmo os especialistas do sagrado ou os adeptos da religião seriam capazes de esgotá-lo em termos de apreciação. O quadro tende a se complexificar quando as formas sagradas de uma dada religião são examinadas por pessoas pertencentes a outros grupos religiosos.

Os indivíduos concebem seus espaços sagrados orientados por aspectos espirituais que envolvem fé e religiosidade, contextualizados em suas realidades sociais e histórias. A experiência religiosa pessoal pode fornecer bases para uma melhor interpretação da dimensão espacial do sagrado, uma vez que valoriza as percepções e a consciência do espaço. Valorizando a subjetividade, a visão weberiana (2004) reconhece que a crença nos espíritos perpassa por uma relação de caráter *mágico* entre os homens e o sagrado, este último como sendo produzido por uma espécie de *dom carismático* vinculado a determinadas pessoas e objetos. Torna-se importante ressaltar que a representação de seres ocultos em determinados objetos, por exemplo, é o que confere ao ser concreto a sua força de ação.

Por outro lado, considera-se que as atividades dos grupos religiosos cumprem importante papel na relação do homem com o sagrado. As reflexões de Durkheim (2003) denotam que o sagrado tem força superior ao indivíduo, devendo assim ser ponderado. Mais do que saber pessoal, este autor compreende o sagrado enquanto representação da vida social, demarcando um circuito de poder engendrado por uma coletividade. Assim, as instituições

religiosas são vistas como idealizadoras e planejadoras dos seus espaços sagrados e, em grande proporção, responsáveis pelas considerações imaginárias de sua demanda de fiéis. Tudo isso gera certo grau de complexidade e torna indispensável um estudo acurado das realidades culturais para se interpretar a lógica profunda das ideologias religiosas (CLAVAL, 1999).

Manifestando-se sob a forma de *hierofania*, o sagrado qualifica o espaço (TUAN, 1979; ROSENDAHL, 1996; SANTOS, 2006; ELIADE, 2008; CARBALLO, 2010). Eis uma qualificação fruto da imaginação humana e de processos simbólico-emocionais relacionados aos aspectos físicos dos lugares. “Todo espaço sagrado implica uma hierofania, uma irrupção do sagrado que tem como resultado destacar um território do meio cósmico que o envolve e o torna qualitativamente diferente” (ELIADE, 2008, p. 30). Eliade classifica o espaço sagrado por duas naturezas: uma de manifestação direta da divindade; a outra por meio de rituais de construção. Ambos são considerados *centros do mundo* abertos ao transcendente. Utilizando antigos e novos rituais, o homem religioso confia no poder e frequenta os espaços sagrados, pois crê que dali terá maior capacidade de ordenar a sua vida terrena ou aquela imaginada para o além. Nesses espaços a cosmogonia se repete e os mitos são reatualizados.

Em complemento às questões levantadas por Eliade, interessante é a interpretação que Guy Mercier (1997) faz da obra de Jean-Bernard Racine – *La ville entre Dieu et les hommes*<sup>3</sup> –, a qual indica que por intermediação do sagrado o homem se depara com uma entidade diferente dele e, assim, reconhece o seu estatuto limitado de ser humano. Sobre este domínio, o homem entende que a organização do mundo depende de uma instância divina, residindo que, no exercício da fé, os espaços sagrados são reservados à presença divina. Viver este espaço representaria a participação na ordem cósmica e no plano divino. Deste modo, atribui-se à geografia papel fundamental no estudo das formas simbólicas espaciais envoltas de sacralidade.

Retornando aos pensamentos de Yi-Fu Tuan, agora contidos na obra *Espaço e Lugar*, o espaço sagrado é também percebido por sua qualidade especial, extraordinário em caráter mítico, um constructo intelectual, resposta do sentimento e da imaginação às necessidades humanas fundamentais (TUAN, 1983). De acordo com Tuan, a consagração do espaço pelo homem aspira perspectivas relacionadas com as experiências de vida e, por isso mesmo, merece ser analisado a partir dos significados que para ali se direcionam, passando a compor a paisagem

---

<sup>3</sup>Jean-Bernard Racine, 1993, *La ville entre Dieu et les hommes*, Genève/Paris, Presses Bibliques Universitaires/Anthropos, 355 p.

e ganhando caráter de lugar sagrado. Nesta especificação de lugar o sagrado se faz presente nas formas, nas cores, por meio de odores, em sons e pelo paladar.

Sobre a relação entre espaço sagrado e lugar sagrado, diante das suas atrações e vivências peculiares, as concepções de Santos a respeito dessas noções têm grande relevância. Para esta autora:

O espaço sagrado (referir-nos-emos a espaço sagrado no sentido espiritualmente atractivo) é o resultante da inventabilidade que o homem religioso tem de possuir lugares com uma atmosfera própria, onde estejam patentes os elementos da espiritualidade, sendo igualmente resultado da necessidade de segurança que eles proporcionam, por serem locais onde, por exemplo, para os cristãos, os ritos são conhecidos, dando conforto, equilíbrio e sentido ao espaço (SANTOS, 2006, p. 108).

Interpreta-se que o posicionamento de Santos acentua o sentido espiritual do espaço sagrado, que é apresentado com características de lugar, essencial para que na sua relação com o espaço não se restrinja a uma abstração, fazendo desenvolver sentimentos de pertença, como sugere a autora supracitada. Comportando um simbolismo de apelo divino, os lugares de culto apresentam quase sempre um quadro espacial de intensa sociabilidade.

Lugar sagrado é, assim, e em nossa opinião, aquele ponto da superfície terrestre onde, em modalidades e sob formas que variam em função das religiões, dos povos e da época histórica, se tocam ou tocaram o divino e o humano ou o divino e a natureza, passando esse lugar a ser encarado como especial e, em muitos casos, único, daí resultando a sua sacralização (SANTOS, 2006, p. 111).

“O homem consagra o espaço porque sente necessidade de viver em um mundo sagrado, de se mover num espaço sagrado” (ROSENDAHL, 2012, p. 27). Esse espaço parece conferir forças que emergem de *outros mundos*. Rosendahl é consoante à teoria de que a existência de espaços sagrados e de um mundo alheio às imperfeições conduz o homem religioso a suportar as dificuldades e infelicidades diárias. Assim, ao homem é possível imaginar realidades mais profundas do que aquelas reveladas imediatamente pelos seus sentidos. A reverberação desses espaços só se explica levando em consideração a crença nos seus poderes de mediação com os deuses.

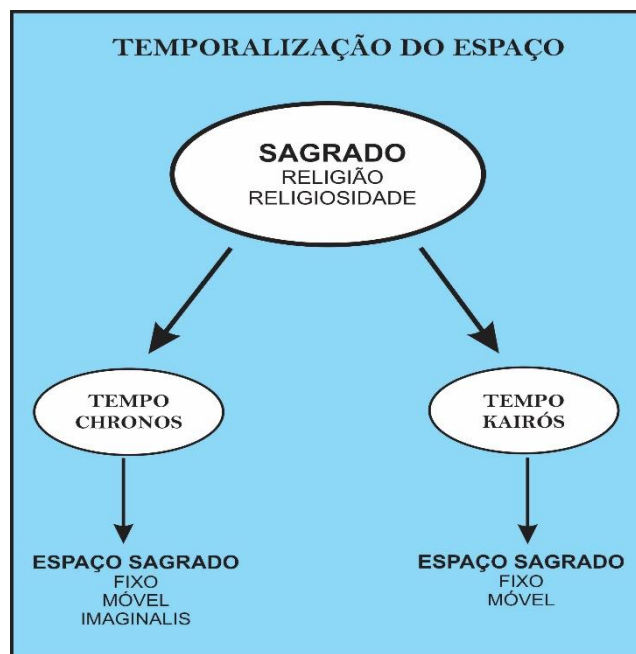
Rosendahl (1996, p. 30) expõe que:

O espaço sagrado é um campo de forças e de valores que eleva o homem religioso acima de si mesmo, que o transporta para um meio distinto daquele do qual transcorre sua existência. É por meio dos símbolos, dos mitos e dos ritos que o sagrado exerce sua função de mediação entre o homem e a divindade.

A autora supracitada, ao mesmo tempo em que entende o espaço sagrado como uma produção intelectual na qual o homem organiza as forças da sociedade e da natureza a fim de satisfazer as suas necessidades psicológicas, criando simbologias familiares à sua cultura, o compreende por sua capacidade de suspender o homem para acima de si e do meio no qual se desenrola a sua vida. O sagrado, e o espaço por ele impregnado, são vistos como mediadores entre o homem e a divindade. Neste âmbito, a problemática geográfica deve considerar a relação existente entre espaço e tempo na dimensão simbólica do sagrado.

Ao sugerir uma acurada atenção para o que chama de “dimensão temporal do espaço sagrado”, Rosendahl (2014), destacando as transformações das práticas religiosas a partir das inovações sociais, propõe uma temporalização do espaço sagrado (Figura 1).

**Figura 1:** Temporalização do espaço sagrado



Fonte: ROSENDAHL, Zeny., 2014.

Tempo e temporalidade, espaço e espacialidade do sagrado são os conceitos privilegiados por Rosendahl (2014), a qual dedica à ideia de sagrado certa centralidade,



relacionando-a com as noções de religião e religiosidade. A categoria de análise tempo se reporta a experiência do homem religioso, tanto ao que se refere ao presente quanto ao passado ou ao futuro. De tal maneira, duas especificações de tempo são citadas: tempo *chronos* e tempo *kairós*. O primeiro aparece como tempo de duração da vida, mensurável, objetivo; o segundo um tempo mais profundo, intersubjetivo, qualitativo e não mensurável, levando em consideração, inclusive, o tempo do infinito. A ascese do peregrino, por exemplo, tende a envolver tempo *chronos* e tempo *kairós*.

Ademais, Rosendahl reconhece três níveis de espaço sagrado a partir da localização das práticas religiosas: fixo, não fixo ou móvel e *imaginalis*. Os santuários e os espaços de mobilidade do sagrado, como as procissões, podem ser citados, respectivamente, como exemplos dos dois primeiros tipos de espaços sagrados apontados. Os recintos de qualidade *numinosa*, enquanto espaços que se distinguem dos espaços do cotidiano, podem ser associados ao terceiro tipo de espaço sagrado destacado. Importante notar que este último, ao mesmo tempo que não se devincula dos dois primeiros, reside no *mundo imaginallis*, como a concepção de lugar sagrado.

Outro importante aporte da teoria produzida por Rosendahl diz respeito ao seu conceito de lugar sagrado:

Trata-se de uma construção social na qual um segmento do espaço – uma gruta, um trecho de rio, uma floresta, uma localidade rural ou urbana – se distingue do espaço por atributos qualitativos a partir e em torno da hierofania que ali se manifestou. O lugar sagrado se expressa por geossímbolos que o identificam, mas, antes de tudo, é percebido e vivenciado com emoção e sentimento pelo crente, aquele que o diferencia plenamente dos lugares comuns (ROSENDAHL, 2012, p. 81).

Ratificando: percebido e vivido com emoção e sentimento numa experiência com o sagrado, o lugar sagrado diz respeito a uma parte do espaço que reflete as percepções dos grupos envolvidos em sua construção e/ou frequência, demarcando atribuições hierofânicas e geossimbólicas. Dentre outros estudos, podemos verificar na tese de doutorado de Costa (2011), ao pesquisar sobre Canindé e Quixadá, dois lugares sagrados presentes no sertão cearense, representados socialmente por práticas diversas – respectivamente o Santuário de São Francisco das Chagas e o Santuário Rainha do Sertão. Empreendendo ora um estudo particular de cada lugar, ora um estudo comparativo, o autor apresenta uma diferenciação em termos das devoções

exercidas. Em Canindé reconhece-se uma hierópolis representada pelos milagres e tradicionais romarias, e em Quixadá uma realidade de culto mais contemplativo, com um devoto que não se considera peregrino.

Sem deixar de considerar o espaço sagrado de conotação católica, mas agora reconhecendo espacialidades sagradas diferenciadas em termos de religiosidade, o estudo de Aureanice Corrêa (2004) sobre a Irmandade da Boa Morte, manifestação cultural afro-brasileira que ocorre na cidade de Cachoeira, recôncavo baiano, é valioso para termos uma noção a respeito das disputas pelos sentidos do ato de festejar a crença. A análise privilegia uma discussão sobre a geossimbologia e as territorialidades das práticas religiosas na definição do território-santuário como um espaço cultural.

No livro *The geography of religion: faith, place, and space*<sup>4</sup>, Stump (2008) trata o espaço sagrado como uma realidade física carregada de significados, que inclui noções abstratas de cosmologia e a crença em sua santidade, o que o torna atraente e enseja uma variedade de práticas e obrigações. Desse ponto de vista, a interação do homem com o espaço sagrado é fundamental para o *ethos* do sistema religioso. Há, na leitura de tais significados, uma multiplicidade de fontes pelas quais os crentes admitem as santidades dos lugares. Cabe conhecer a categorização proposta pelo autor (Figura 2):

**Figura 2:** Categorias do espaço sagrado<sup>5</sup>

<b>Categoria</b>	<b>Fonte de Significado</b>
	<b>Religioso</b>
Cosmológica	Localização crucial, seja real ou imaginada, dentro do cosmos.
Teocêntrica	Presença contínua do divino ou do sobre-humano em um local.

<sup>4</sup> Tradução nossa: *A Geografia da Religião: fé, lugar e espaço*.

<sup>5</sup> Na tabela apresentada no livro, como que numa terceira coluna, o autor exprime exemplos para cada categoria e fonte de significado religioso. Conquanto tenhamos nos desfeitos desta seção, chama-se a atenção para o seu conhecimento. Aos interessados, mais especificamente na p. 302, ver: STUMP, Roger W. *The geography of religion: faith, place, and space*. Lanham, Rowman & Littlefield Publishers, 2008.

Hierofânica	Cenário para uma aparição religiosa, revelação ou milagre específico.
Histórica	Associação com eventos que iniciaram o desenvolvimento histórico de uma religião.
<i>Hiperenergética</i>	Acesso a manifestações de poder sobre-humano e influência.
Autoritária	Centro de autoridade conforme expresso pelos principais líderes religiosos e elites.
Ritual	Repetido uso ritual em relação a uma atmosfera de santidade.

---

Fonte: O autor, adaptado parcialmente de STUMP, 2008, p. 302.

É oportuno reconhecer que as categorias de espaço sagrado citadas, conceitualmente ou não, já podem ter sido discutidas neste estudo, bem como se alerta sobre a possível sobreposição entre elas. Ademais, a fim de facilitar a compreensão das suas ideias de Stump (2014), destaco que, para este autor, se por um lado os crentes podem naturalizar a existência do espaço sagrado dentro das suas visões de mundo, por outro lado, vista de fora, a produção e a reprodução do espaço sagrado por uma comunidade exhibe processos culturais de seletividade, refletindo em complexas articulações e tramas de significados.

Por conseguinte, segue uma releitura e sintetização da categorização de Stump: *espaços cosmológicos*, materiais ou imaginados, são locais-chave na estrutura cósmica de uma visão religiosa; *espaços teocêntricos* são reconhecidos como morada das divindades; *espaços hierofânicos* encerram descontinuidades no mundo vivido por conta de aparições, revelações ou milagres; *espaços históricos* associam-se a acontecimentos fundadores de uma tradição religiosa; *espaços hiperenergéticos*, frequentemente, cruzam os significados das outras categorias e são distintos pelo potencial explícito de invocar a realização do poder divino; *espaços autoritários* são conduzidos por líderes religiosos, estes entendidos como intérpretes

da vontade dos deuses, e funcionam como capitais sagradas das religiões; e, por fim, *espaços rituais* traduzem o nexo de causalidade entre o ritual e o lugar em que as repetições das práticas religiosas interferem na elevação dos seus sentidos.

De uma concepção que se assemelha quanto ao princípio da singularidade no que tange à análise dos lugares sagrados, dispensado o juízo de originalidade, Stump (2008) compreende que o espaço sagrado deve ser examinado a partir da perspectiva dos crentes, entretanto, considerando as entidades postuladas num sistema religioso. Ao mencionar estudos considerados tradicionais, sob os quais o enfoque esteve na semelhança dos espaços sagrados de diferentes sistemas religiosos, se posicionando criticamente no que se refere às tentativas de generalização e ignorância das diferenças, Stump (2008, p. 26) assevera: “sacred space can be most effectively understood, then, not as the expression of some sort of universal archetype, but rather as a religious component of the spatial imaginations of believers that takes different forms in different contexts”<sup>6</sup>.

De tal modo, entende-se que a manifestação do sagrado em termos espaciais, por quaisquer fontes de significados, reafirma a identidade do homem religioso, habitando o seu imaginário e lhe proporcionando a energia que utiliza para com as suas preces e peregrinações.

### **Considerações finais**

Por ora, para encerrar aqui as nossas reflexões sobre o espaço sagrado, aceitando as proposições teóricas dos autores referenciados, incorremos pelo desafio de ensaiar uma compreensão de espaço sagrado como sendo este um ponto atraente, reservado e de referência na superfície terrestre, reconhecido em termos hierofânicos e míticos, em que se admite obra divina e a capacidade imaginativa do homem religioso em responder as suas necessidades espirituais e sociais, ensejando respeito, segurança e um tempo também sagrado, capaz de elevar o homem religioso a um plano transcendental. Marca expressiva na paisagem, o espaço sagrado é vivido e experienciado com emoção, dotando a vida de sentido, tornando-se lugar de pertença e de forte sociabilidade. Por seu caráter terreno e social, trata-se de um espaço que reconhece aproximações com atividades não religiosas.

---

<sup>6</sup>Tradução nossa: “O espaço sagrado pode ser mais efetivamente entendido, então, não como a expressão de algum tipo de arquétipo universal, mas sim como um componente religioso da imaginação espacial de crentes, e que assume diferentes formas em diferentes contextos”.

Com efeito, a qualificação percebida ao espaço sagrado dá mote a práticas religiosas diversas, encorajando, a propósito, as peregrinações em múltiplos sistemas religiosos. As peregrinações representam extraordinárias manifestações da atratividade dos espaços sagrados. À geografia cabe interpretar a dinâmica dos espaços sagrados quando estes são envolvidos por peregrinos desejosos de tal sacralidade. Variados são os modos desenvolvidos pelos religiosos para encontrarem-se com e nos espaços sagrados.

## Referências

- BERGER, Peter Ludwig. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 1985.
- CARBALLO, Cristina Teresa. Hierópolis como espacios em construcción: las prácticas peregrinas en Argentina. In: ROSENDAHL, Z. (Org.). **Trilhas do sagrado**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010.
- CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999.
- CORRÊA, Aureanice de Mello. **Irmandade da Boa Morte como manifestação cultural afro-brasileira**: de cultura alternativa à inserção global. 323 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2004.
- CORRÊA, Roberto Lobato. Formas simbólicas e espaço – algumas considerações. **Aurora Geography Journal**, v.1, p.11-19, 2007.
- COSTA, Otávio José Lemos. **Canindé e Quixadá**: construção e representação de dois lugares sagrados no sertão cearense. 216 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2011.
- DARDEL, Eric. **O homem e a terra**: a natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- ELIADE, Mírcea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- GIL FILHO, Sylvio Fausto. **Espaço sagrado**: estudos em geografia da religião. Curitiba: Ibpe, 2008.
- MERCIER, Guy. La ville entre la science et la foi. In: **Géographie et Cultures**, n. 23. Paris, 1997. pp. 5-22.

PARK, Chris. Religion and geography. In: Hinnells, J. (ed). **Routledge Companion to the Study of Religion**. London: Routledge, 2004. p. 1-29.

ROSENDHAL, Zeny. **Espaço e religião**: uma abordagem geográfica. Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, 1996.

\_\_\_\_\_. O sagrado e sua dimensão espacial. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Org). **Olhares geográficos**: modos de ver e viver o espaço. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

\_\_\_\_\_. Tempo e temporalidade, espaço e espacialidade: a temporalização do espaço sagrado. **Espaço e Cultura**, UERJ, RJ, n. 28, p. 09-25, Jan./Jun.; 2014.

SANTOS, Maria da Graça Mouga Poças. **Espiritualidade, Turismo e Território**: Estudo Geográfico de Fátima. Estoril: Principia, 2006.

STUMP, Roger W. **The geography of religion**: faith, place, and space. Lanham, Rowman & Littlefield Publishers, 2008.

TUAN, Yi-Fu. Sacred space. Exploration of na idea. In: BUTZER, K. (org.). **Dimension of human geography**. Chicago: The University of Chicago/Departamento of Geography, 1979.

\_\_\_\_\_. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução por Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Brasília, DF: Editora UNB, 2004.

*Recebido em 10 de maio de 2022.  
Aceito em 10 de junho de 2022.  
Publicado em 28 de junho de 2022.*